

OS VALORES DA PREVISÃO E DO MEDO PARA A PANDEMIA DA COVID-19: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE HANS JONAS

Forecast And Fear Values For The Pandemic Of Covid-19: A Reflection From Hans Jonas

Lenise Moura Fé de Almeida¹

RESUMO: Este artigo apresenta de modo ensaístico e embrionário, algumas reflexões acerca dos valores da previsão e do medo na filosofia jonásiana como valores necessários, ou ao menos desejáveis, para as ações governamentais diante de uma ameaça ao futuro da humanidade. Para isso, propomos um paralelo entre a realidade pandêmica atual e a filosofia de Hans Jonas, desenvolvendo em seguida sua concepção sobre tais valores. Nossas conclusões apontam de modo provocativo para aquilo que as futuras vítimas fatais da Covid-19 esperam hoje do seu atual governo. Portanto, para que as pessoas comuns possam ter esperança sobre a manutenção das suas vidas e a volta de uma vida que antes era reconhecida como “normal”, é necessário que o nosso governo se oriente pelo temor diante das previsões potencialmente catastróficas.

Palavras-chave: Princípio responsabilidade. Futuro. Pandemia. Covid-19. Valores.

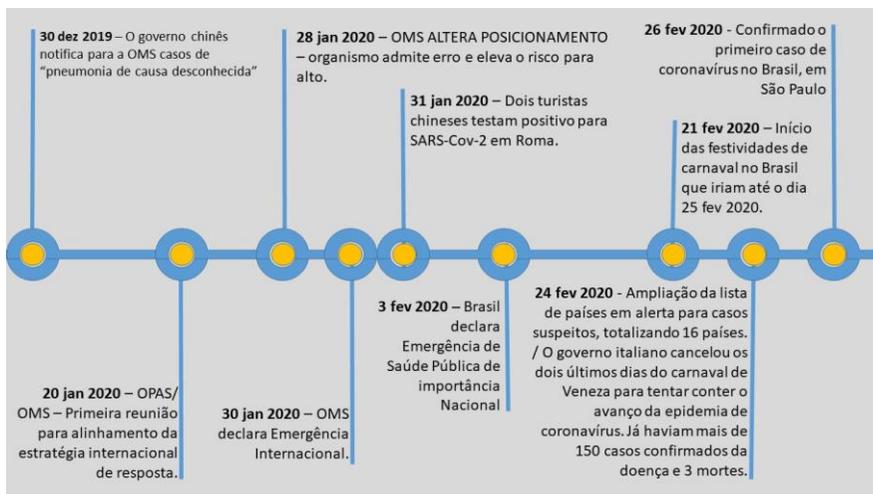
ABSTRACT: This article presents in an essayistic and embryonic way, some reflections about the values of prediction and fear in Jonasian philosophy as necessary values, or at least desirable, for governmental actions in the face of a threat to the future of humanity. For this, we propose a parallel between the current pandemic reality and the philosophy of Hans Jonas, subsequently developing his conception of such values. Our conclusions point provocatively to what the future fatal victims of Covid-19 expect from their current government today. Therefore, for ordinary people to have hope about maintaining their lives and returning to a life that was once recognized as “normal”, it is necessary for our government to be guided by fear in the face of potentially catastrophic predictions.

Keywords: Imperative of Responsibility. Future. Pandemic. Covid-19. Values.

Para iniciarmos nossa reflexão, gostaria de estabelecer uma pequena linha do tempo conhecida e vivenciada, certamente, por todos nós².

¹ Atualmente é professora da Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia do município de Caxias-MA, doutoranda em filosofia pelo PPG-FIL UFMG, mestre em Ética e Epistemologia pela UFPI, foi bolsista do Programa de Educação Tutorial de Filosofia da UFPI no período de setembro de 2008 a junho de 2010, sob a tutoria do professor Dr. Helder Buenos Aires de Carvalho.

² Esse texto foi produzido originalmente para minha participação na primeira edição do evento virtual “Jovens Filósofas em Diálogo”, transmitido pelo canal do LabFilGM no YouTube, no dia 28 de agosto de 2020. Esse evento foi organizado através da parceria entre o GEIMF (Grupo de Estudo



Produção própria a partir das informações retiradas do site:
 <<https://coronavirus.saude.gov.br/linha-do-tempo/#fev2020>>

Nosso objetivo nessa exposição é apenas deixar evidente quatro aspectos da situação pandêmica que desejamos questionar e refletir nesta oportunidade, compartilhando com todos vocês: 1- a ameaça em potência à vida humana; 2- seu caráter temporal e, por isso, possivelmente preventivo; 3- a relação do vírus com a técnica; e 4- as ações dos governos diante dessa ameaça.

Dessa forma, nossa proposta é pensar na situação atual a partir das reflexões políticas desenvolvidas pelo filósofo Hans Jonas, mais especificamente onde ele trata dos valores da *Previsão* e do *Medo* como valores que “orientam” as ações políticas destinadas ao futuro, levando em consideração as diferenças e similaridades entre a situação pandêmica causada pelo Sars-Cov-2 e o pensamento dele (Hans Jonas). Mas antes, faremos uma brevíssima introdução sobre o filósofo e algumas chaves interpretativas imprescindíveis para a compreensão do debate aqui proposto.

Hans Jonas é um filósofo do século XX, de origem judia, que nasceu na Alemanha em 1903 e morreu aos 89 anos, em 1993, nos Estados Unidos. Como é possível deduzir pelo período histórico em que o filósofo viveu, ele teve uma vida marcada pelos maiores e mais violentos acontecimentos da contemporaneidade. Não vamos nos estender em sua biografia, portanto, focando apenas na sua trajetória intelectual, Jonas inicia seu percurso estudando o gnosticismo, em seguida desenvolve uma Filosofia da Biologia e, por fim, o seu pensamento ético e político com a sua obra “O princípio responsabilidade”, publicado em 1979³.

Em nossa pequena discussão/reflexão de hoje, estaremos focados no pensamento jonasiano sobre a ética e política, a partir das obras “O princípio responsabilidade” e “Técnica, medicina e ética”. Mais precisamente, como dissemos antes, discorreremos acerca da parte da reflexão política onde Hans Jonas trata dos valores da Esperança e do Medo como valores que “orientam” as ações políticas destinadas ao futuro. É claro que, (e isso é necessário destacar), em “O princípio responsabilidade”, Hans Jonas discute a questão da técnica moderna como uma nova forma de ação humana, com

Independente Mulheres e Filosofia), o LabFilGM (Laboratório de Filosofia Política e Moral Gerardo Marotta) e a Faculdade de Filosofia da UNIRIO.

³ Cf. OLIVEIRA, Jelson. *Compreender Hans Jonas*, 2014.

alcances temporais jamais experimentados, que exige novos valores que orientem esse poder a fim de preservar a vida humana autêntica no futuro⁴. Então, Hans Jonas está tratando da técnica moderna e da preservação da biosfera para a vida das gerações futuras. Não queremos aqui ultrapassar os limites do pensamento jonasiano, mas sim, utilizá-lo como chave teórica para a nossa reflexão, pois de alguma maneira “alegórica” e bastante ensaística, podemos comparar, em uma escala temporal menor, essa ação responsável com o futuro.

Como nós vimos na Figura 1, temos o vírus Sars-Cov- 2 como 1- uma *ameaça à vida humana* em uma escala global considerável, ainda que o vírus não tenha o potencial de extinguir a vida humana na Terra, ele tem trazido à tona vários sentidos e valores relacionados à humanidade (devemos salvar vidas ou salvar empregos?/ Se é possível salvar emprego, então a natureza do emprego é a mesma que a natureza da vida humana?/ O que é o ser humano afinal?/ Que imagem queremos preservar do ser humano?). Essas são algumas perguntas possíveis. Convidamos todos, agora, a fazer um breve experimento mental. Em uma situação hipotética onde não houvesse a descoberta da vacina, ou a descoberta de alguma cura, tratamento ou mesmo a imunização permanente dos que já tiveram contato com o vírus, teríamos um cenário em que a humanidade já não seria mais a mesma: outros modos de consumir, outros modos de nos relacionar, assistir aula, trabalhar, etc. O vírus poderia transformar definitivamente, com isso, o que entendemos como humanidade ou imagem humana?

2- Esse vírus se apresenta a partir de uma percepção temporal, pois o entendemos num primeiro momento como uma ameaça, ou seja, aquilo que embora ceifando vidas no presente, apresenta um potencial ainda mais assustador no futuro. Essa projeção em relação ao futuro só é possível hoje a partir do nosso conhecimento científico em nível qualitativo (Quais são as características do vírus? Como ele se constitui? Como se propaga? Etc.) e em nível quantitativo (é possível fazer progressões aritméticas/geométricas, gráficos e estudos estatísticos complexos e avançados que apontam a maneira que o vírus pode se propagar no espaço e no tempo). Portanto, a ciência possibilita que conheçamos no presente um futuro potencial e com isso possamos agir para modificá-lo. Aí reside a sua *relação com a temporalidade*: podermos agir no presente para modificar os efeitos no futuro.

3- O coronavírus também se *relaciona com a técnica*. Aqui não pretendemos aprofundar as várias teorias ecológicas que defendem e demonstram como o desmatamento, ou a maneira como o homem moderno tem interferido na natureza, propícia o surgimento desse tipo de vírus⁵. Mas essa é uma lógica básica: se nós construímos a partir da técnica artefatos artificiais onde passamos a viver em um “ambiente controlado” e que chamamos de cidade e nesse ambiente artificial nos relacionamos também de forma artificial com os animais, é muito provável que tenhamos consequências não-naturais dessa relação. Além disso, o vírus também é potencializado pela técnica, pois através dela ele se propaga em uma escala global muito rapidamente. Um vírus que viaja de avião e atravessa continentes em algumas horas, não é mais somente um vírus na natureza.

4- O Sars-Cov-2 também se *relaciona com a política* porque essa é a maneira que nos organizamos coletivamente e “gerimos” as vidas dentro das cidades. E aqui queremos destacar o valor preciso que uma pandemia exige à ação política: uma ação preventiva, uma ação realizada no presente que tem como objeto o futuro. Ainda que esse futuro seja um futuro próximo, como é no caso da atual pandemia (objeto da nossa reflexão), a

⁴ Cf. JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*, 2006.

⁵ Cf. FEARNSIDE, Philip M. *Will the next coronavirus come from Amazonia? Deforestation and the risk of infectious diseases (commentary)*, 2020

especificidade que queremos destacar é que essa ação do governo não visa a um objetivo futuro que possamos ver claramente um produto concreto, pois não seria possível “provar materialmente” (para usar um jargão jurídico) que tal ação do governo salvou nominalmente às vidas do Francisco, da Maria, do João, etc. A prevenção impede que algo (no caso uma ameaça) se concretize, tendo como produto dados que permanecem no âmbito do possível. Por exemplo, um governo que agiu de forma prudente em uma situação ameaçadora e com isso evitou que cem mil mortes ocorressem, esse dado é apenas estatístico e permanece na dimensão do possível (foram cem mil vidas que *poderiam* ter sido ceifadas). Essa é, sem dúvidas, uma forma de ação do governo para o futuro (mesmo que próximo) de uma natureza diferente daquelas aonde é possível apresentar concretamente um produto (seja uma obra de infraestrutura, um programa de redistribuição de renda, uma reforma tributária com justificativas econômicas, entre tantos outros exemplos). A ação preventiva talvez não seja uma ação tão benéfica à popularidade de um governo, o que não parece ser desejável a governos que dependem do voto popular para se elegerem. Isso sem mencionar que, muitas vezes a ação preventiva exige, não só do político, mas sobretudo da população, algum tipo de sacrifício que nem todos estão naturalmente dispostos a fazer, a não ser que estejam muito bem convencidos de suas razões ou consequências. Podemos ver exemplos muito claros na nossa realidade atual: festas clandestinas, aglomerações, pessoas que se recusam a usar máscaras, exemplos não faltam à nossa memória recente.

Delineadas essas perspectivas sobre o coronavírus e a nossa realidade atual, vamos agora tratá-las criticamente a partir da filosofia jonasiana. No capítulo 3 da obra “Técnica, Medicina e Ética”, Hans Jonas discorre sobre os valores de ontem e valores para amanhã, no limiar do futuro⁶. Ele pressupõe aqui o reconhecimento das principais características do nosso tempo dominado pela técnica moderna, ou seja, as rápidas mudanças/transformações, a imensa capacidade das ações do presente modificarem o futuro (até mesmo de forma definitiva).

É importante destacar e fazer aqui esta definição, mesmo que de forma sucinta: a técnica, segundo Hans Jonas, é uma forma própria do homem existir, é um poder capaz de arbitrar fins/finalidades. Dito de uma forma mais simples, o homem, desde os períodos mais primitivos, é capaz de manipular objetos, criar utensílios e com eles modificar o seu meio. Segundo Jelson Oliveira (2014, p. 65), “a técnica é o modo de ser do homem no mundo porque é, junto com isso, o seu modo de conservação”. Porém, a modernidade trouxe um diferencial a essa forma de ser do homem no mundo, pois a técnica moderna, potencializada pelo conhecimento científico e estimulada por uma economia baseada no lucro, tornou-se uma empresa coletiva que se encontra em uma dinâmica de progresso contínuo como “poder humano intensificado em ‘atividade permanente’” (JONAS, 2013, p. 53), cuja finalidade é sua própria superação.

Dessa forma, podemos pensar também que hoje estamos constantemente em busca do sucesso e esse sucesso se apresenta como progresso, como no lema: “devemos ser hoje melhores do que ontem e piores do que amanhã”. É um progresso infinito que não tem um objetivo determinado e está em todas as esferas que possamos pensar: no amoroso (quando você sente que seu relacionamento nunca é bom suficiente), no consumo (quando você sente que o que você tem nunca é o bastante), na produção tecnológica (quando você pensa: eu nem sabia que precisava disso e de repente não sei mais viver sem isso). Quem nunca ficou seduzido a trocar o celular (que ainda cumpre com a sua função: ser um telefone móvel) para ter acesso àqueles pequenos novos recursos tecnológicos? Quem ainda faz chamada telefônica ao invés de mandar áudio no whatsapp? Enfim, eu sei que a própria definição da técnica seria um tema bastante amplo para discutirmos, mas aqui

⁶ Cf. JONAS, Hans. *Técnica, Medicina e Ética*. 2013, p.63- 86.

nos serve apenas como pressuposto (como eu disse antes) para a nossa reflexão a partir de Hans Jonas.

Portanto, entendemos que hoje a técnica moderna consiste nesse poder que, apesar de necessário, ameaça ao nosso futuro, pois amplia o alcance da ação humana e tras consigo também consequências indesejáveis, apesar do seu sucesso. Como mesmo afirmou Jonas (2006, p. 271) “podemos deplorar a invenção de uma bomba atômica dotada de poder destrutivo ainda maior e considerá-la como um valor negativo. Porém, o que lamentamos é exatamente o fato de que ela seja tecnicamente ‘melhor’; nesse sentido, sua invenção é um progresso, lamentavelmente.”. Hans Jonas nos alerta, portanto, que diante da dinâmica e conteúdo próprios do “sucesso tecnológico”, devemos de modo voluntário, baseados em novos valores propostos, ter interesse em circunstâncias futuras para evitar medidas emergenciais extremas.

Fazendo uma analogia entre a atual pandemia e as exigências necessárias também para o controle do avanço da técnica moderna, de uma forma bastante ensaística (e aqui pedimos desculpas pelo não aprofundamento necessário, pois é impossível nesse espaço de tempo), vamos, contudo, lançar algumas questões a partir do pensamento jonasiano sobre os novos valores para hoje no limiar do futuro e propor reflexões. Iniciemos com a pergunta realizada pelo próprio filósofo, Hans Jonas, sobre “que valores de ontem são utilizáveis e continuarão sendo importantes para o mundo de amanhã?” (2013, p 63).

Sem maiores digressões, trataremos aqui do valor da “previsão”, que necessariamente deve estar acompanhada do valor do “medo” ou “temor”⁷, pois não é suficiente que se tome ciência das possibilidades ameaçadoras do futuro, mas é também preciso que se tenha o sentimento adequado diante das ameaças para uma ação prudente.

Sobre a “previsão”, Jonas afirma que “com o aumento do poder humano (ou seja, com a técnica moderna), as possibilidades se fazem tão extremas, que a projeção do futuro, a longo prazo, hipotética, cientificamente fundada e no possível global (e que não é menos certa por ser hipotética), talvez seja o primeiro novo valor a se exercitar hoje para o mundo de amanhã, ao qual nada se pode equiparar no mundo de ontem.” (2013, p. 65, grifo nosso).

⁷ Na tradução brasileira da obra *O princípio responsabilidade*, encontramos o termo *Heuristik der Furcht* traduzido como “heurística do medo”, mas existe uma discussão a respeito da utilização da palavra “temor”, como mais próxima à expressão original, que pode ser justificada nas falas, a seguir, de Jelson Oliveira e Anor Sganzerla. Em entrevista à Revista do Instituto Humanitas Unisinos on-line, o atual coordenador do Grupo Temático Hans Jonas ANPOF, Jelson Oliveira, afirma que “Um dos conceitos mais interessantes e polêmicos da obra de Hans Jonas trata-se da heurística do temor, erroneamente traduzida do alemão como heurística do medo. (...) Um primeiro ponto que deveríamos nos ater diz respeito à tradução desse conceito *Heuristik der Furcht* por “heurística do medo”. A palavra medo tem uma posição negativa na língua portuguesa que não traduz bem o alemão *Furcht*, que seria melhor traduzido por ‘temor’, que daria a ideia não de um medo passivo, mas de um receio fundado, de um medo acompanhado de respeito frente à força do mal eminente. Tem a ver com escrúpulo e com zelo e menos com a perturbação mental provocada por algo estranho e perigoso, como um sentimento desagradável frente ao desconhecido.”. Cf. OLIVEIRA, Jelson, *A heurística do temor e o despertar da responsabilidade*, 2011. Também sobre esse conceito e sua tradução para o português no Brasil, o pesquisador Anor Sganzerla afirma: “A heurística do temor proposta por Jonas, além da dificuldade filosófica da sua aceitação, carrega em si também um questionamento em relação ao significado das palavras ‘angst’ (em alemão) e ‘fear’ (em inglês) que ‘permita’ a tradução por medo ou temor. Embora o próprio Jonas não tenha se preocupado em fazer tal distinção teórica, no nosso entender ela representa algo importante, porque da sua compreensão dependerá a postura dos atores. A preferência pela palavra “temor” em vez de “medo” se dá por considerar que a palavra medo não carrega em si uma qualidade heurística, quando por heurístico entende-se a capacidade de pressentir e, portanto, de descobrir os perigos dissimulados, ou seja, temer, além do provável, também o possível, o que evidência que se trata de um temor e não de um medo.” Cf. SGANZERLA, Anor, *Vida, Técnica e Responsabilidade*, 2015, p.170.

A essa possibilidade de previsão, Jonas vai chamar de “ciência da futurologia”, da qual tratou com mais propriedade em “O princípio responsabilidade”, propondo uma ciência da previsão hipotética dos seus efeitos a logo prazo, que chamou de *futurologia comparativa*. Este novo tipo de saber se apoia nas ciências naturais para calcular e prever as probabilidades subjacentes ao uso e avanço das tecnologias. Portanto, a ação tecnológica do homem deve ser equacionada por esta ciência da futurologia que se trata de uma projeção a longo prazo daquilo que a ação atual possa conduzir por um encadeamento de causa e efeito. “O resultado não é um princípio apodítico, mas heurístico. Não evidente, mas provável. Não definitivo, mas experimental.” (OLIVEIRA, 2012, p. 393).

A proposta jonasianas para o desenvolvimento da “futurologia comparativa” foi publicada em 1979 em sua principal obra que mencionei anteriormente. Naquele contexto, talvez Jonas tenha sido comedida com a amplitude de tal projeto que, provavelmente, pareceu-lhe ambicioso, porém, indispensável, ao ponto dele escolher pagar o preço por defendê-lo (o projeto de uma ciência da futurologia). Mas hoje nos parece cada vez mais próximo a ideia de que esse tipo de saber prognóstico é confiável, senão, ao menos desejável. No ano de 2015 foi anunciado a segunda década prevista pelo instituto americano Stratfor, que em seu primeiro relatório de 2005 a 2015 conquistou a confiança de muitos leitores e até autoridades devido o êxito de suas previsões. O relatório atual foi publicado sob o título *Previsão da década: 2015-2025 (em tradução livre)* e contém previsões geopolíticas. Sobre previsões ambientais, a Organização das Nações Unidas (ONU) criou um Programa para o Meio Ambiente (Pnuma) junto à Microsoft que simula virtualmente a degradação do meio ambiente e o futuro da Terra no ano de 2050. Algo parecido pode ser visto e visitado no Museu do Amanhã, aqui no Brasil, na capital do Rio de Janeiro. Estes exemplos atuais nos demonstram o quanto as previsões (e enquanto previsões, não escapam do *status* de especulação, hipótese ou argumento), nos mais variados âmbitos, têm sido exploradas e desenvolvidas.

Mas, para Jonas, essas previsões só cumprem o seu papel se forem adequadamente comunicadas, precisam ter eficácia diante de dilemas éticos porque, entre alguns benefícios no presente ou a curto prazo (que carregam consigo uma grande ameaça ao futuro) e sacrifícios, concessões, renúncias da população que são utilitariamente muito difíceis, se exige, no mínimo, a informação do que realmente está em jogo, ou seja, qual é o risco possível, qual a sua probabilidade e qual é a extensão das suas consequências. Como vimos com a nossa experiência atual, esses sacrifícios em relação ao futuro, mesmo que muito próximo, são muito difíceis de serem exigidos. Mais uma vez, olhemos para o nosso presente, no contexto pandêmico. Enquanto uma grande parcela da população, a maior podemos dizer, sofre com a fome, o desemprego, a total falta de estrutura e vulnerabilidade social, outros reivindicam a “liberdade” e taxam os governos de autoritarismo devido às medidas restritivas.

Por isso, para que essa previsão consiga mover o sentimento adequado para a adesão da opinião pública, esta ciência deve ser guiada também, e sobretudo, pela *heurística do medo* que determina a primazia do pior prognóstico, em situações de incerteza quanto às consequências longínquas, tornando o homem atual consciente de seu poder e permitindo assim o florescimento da responsabilidade, pois como disse o filósofo Jean-Yvi Goffi (2003, p. 861) “não saberíamos agir de maneira responsável se não fôssemos capazes de estremecer diante de algumas possibilidades”. Portanto,

Esta futurologia, como uma previsão do por vir, tem duas funções principais: ela deve instruir a razão de maneira intelectual, mas ela deve, sobretudo, suprir de maneira emocional com a vontade a fim de que o temor que seu cenário suscita nos ajude a sair da euforia, da ilusão de toda potência na qual nos mergulhamos com a utilização excessiva da técnica. (SCHOEFS, 2009, p.44).

Portanto, a eficácia da futurologia comparativa está diretamente submetida à *heurística do medo*. O princípio básico de tal heurística impõe que é preferível, em caso de incertezas, prestar atenção, sobretudo, a uma possibilidade que tenha força de advertência. Este método pode ser definido como uma inversão da dúvida cartesiana, pois, se para obter o real indubitável, Descartes considerava o que é duvidoso como falso demonstrado; para Jonas, a dúvida pró-*malum* entendida como possibilidade, é uma certeza diante das necessárias decisões atuais. Nas palavras de Jonas:

Lidamos aqui, portanto, com a inversão do primeiro princípio cartesiano da dúvida. Segundo Descartes, para que possamos estabelecer o que é indubitavelmente verdadeiro, deveríamos equiparar tudo o que for duvidoso, de uma forma ou de outra, ao que é comprovadamente falso. Aqui, ao contrário, para tomarmos uma decisão, deveríamos tratar como certo aquilo que é duvidoso, embora possível, desde que estejamos tratando de um determinado tipo de consequência. (JONAS, 2006, p. 87)

Os recursos de tal heurística são experimentos mentais não somente hipotéticos, pois aceitam as premissas de causa e efeito “se tal coisa é feita, então tal coisa sucede”, para que em seguida sejam conjecturadas as deduções de um “então tal coisa pode suceder” em decorrência daquela primeira premissa. À luz do “então pode” surgem conteúdos (não como certezas) até ali desconhecidos, mas a ciência destas possibilidades, certamente insuficientes para previsões, é suficiente para os fins heurísticos (que prioriza a dúvida que indica um *malum*) como demonstramos acima com a inversão da dúvida cartesiana. Esta noção heurística tem por fundamento a ideia de que *se pode viver sem um bem mais elevado, mas não com o mal supremo*.

Em primeiro lugar, isso explica a *previsão* e o *temor* enquanto *valores* como afirmamos inicialmente, em segundo lugar, devemos ressaltar que a esfera que exige esse tipo de saber prognóstico é a esfera política que “não apresenta nada semelhante aos fenômenos do devir individual” (JONAS, 2006, p. 189), pois a história da humanidade “não é aqui objeto de um devir integralmente programado, do inacabado para o acabado, do provisório para o definitivo, como é o caso sempre de seus membros individuais, recém-nascidos.” (JONAS, 2006, p.191). Ou seja, o futuro da humanidade está sempre aberto a tornar-se depois aquilo o que fazemos agora, sem necessariamente tender a um processo escatológico ou mesmo de etapas inacabadas.

Concluimos, por fim, que a abertura para o futuro exigida pela responsabilidade deverá estar a cargo do poder político, pois somente o homem público pode tomar decisões e promover ações com projeções temporais adequadas aos riscos inerentes à técnica. Portanto, Jonas nos conduz à seguinte reflexão: entre escolher a esperança do progresso (que é mais fácil, atraente, “apetecível”) e uma hipótese duvidosa pró-*malum* (que nos revela o que realmente importa), do governante responsável, se espera a máxima prudência e por isso, a atenção aos prognósticos “temerosos”. Em uma analogia direta entre o nosso contexto pandêmico atual e a ameaça da tecnologia para as gerações futuras, podemos dizer que: do governo se espera a responsabilidade diante das ameaças, e, portanto, reservamos a esperança aos nossos templos e crenças. Quantas mortes teriam sido evitadas se tantos não tivessem sido seduzidos pela esperança fácil de sobreviver a uma gripezinha? Para que as possíveis vítimas fatais da Covid-19 possam ter esperança sobre a manutenção das suas vidas e a volta de uma vida que antes era reconhecida como “normal”, é necessário que o nosso governo se oriente pelo temor das previsões potencialmente catastróficas.

Referências

FEARNSIDE, Philip M. *Will the next coronavirus come from Amazonia? Deforestation and the risk of infectious diseases (commentary)*, 2020, Disponível em: <<https://news.mongabay.com/2020/04/will-the-next-coronavirus-come-from-amazonia-deforestation-and-the-risk-of-infectious-diseases-commentary/>> Último acesso em 28 de fev. 2021.

GOFFI, J. Y. Jonas, Hans. In: *CANTO- SPERBER: Dicionário de Ética e Filosofia Moral*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003, v. 1, p. 1903- 1993.

JONAS, H. *Técnica, medicina e ética: sobre a prática do princípio responsabilidade*. Trad.: Grupo de Trabalho Hans Jonas da ANPOF. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. *O princípio responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. (1979) Trad. M. Lisboa & L. B. Montez. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2006.

OLIVEIRA, Jelson. *Compreender Hans Jonas*. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. Por que uma ética do futuro precisa de uma fundamentação ontológica segundo Hans Jonas. In: *Rev. Filos. Aurora*. Curitiba, v. 24, n. 35, jul./dez. 2012, p. 387-416.

_____. *A heurística do temor e o despertar da responsabilidade*. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4035&secao=371>. Acesso em: 29 de agosto de 2011.

ORGANIZATION, World Hef. *Listings of WHO's response to COVID-19*. Disponível em: <<https://www.who.int/news/item/29-06-2020-covidtimeline>> Último acesso em 28 de fev. 2021.

SAÚDE, Ministério da. [Resposta nacional e internacional de enfrentamento ao novo coronavírus](https://coronavirus.saude.gov.br/linha-do-tempo/#fev2020). Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/linha-do-tempo/#fev2020>> Último acesso em 28 de fev. 2021.

SCHOEFS, V. *Hans Jonas: écologie et démocratie*. Paris: L'Harmattan, 2009.

GANZERLA, Anor. Responsabilidade in: OLIVEIRA, Jelson (org.). *Vida, Técnica e Responsabilidade*, São Paulo: Paulus, 2015, p. 125-192.